



Sumário

Apresentação

Introdução

I. Concepção

II. Pesquisa de conteúdos e ilustrações

III. Preparação de textos formativos

IV. Edição

V. Publicação

VI. Início da Distribuição

VII. Previsão das últimas tarefas



APRESENTAÇÃO

O "Almanaque do Aluá" corresponde a uma antiga preocupação do SAPÉ em torno da criação de materiais pedagógicos adequados a processos de autoformação de educadores, sobretudo de jovens e adultos.

Em 1992/93, a idéia de uma publicação estilo almanaque tomou corpo sob a forma de uma edição experimental. Os resultados obtidos com base no processamento dos dados dessa experimentação controlada confirmaram o caminho escolhido, dado o sucesso de sua receptividade e a versatilidade de seu uso em situações educativas. A publicação de 2.000 exemplares foi rapidamente esgotada e a resposta, a uma demanda que perdurou, foi assumida pelo SAPÉ como um desafio.

Finalmente, em 1997, o SAPÉ pôde contar com o necessário respaldo financeiro para a confecção e publicação do Almanaque do Aluá nº 1. Este projeto foi apoiado principalmente pela União Européia e contou com a intermediação e consultoria do INDRA/Universidade de Amsterdam. Em termos complementares, a parceria com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (Ministério da Cultura) foi de fundamental importância, bem como o apoio da NOVIB.

As informações que se seguem dizem respeito à realização da maior parte das atividades que constituíram o processo de produção do Almanaque do Aluá nº 1.

Rio de Janeiro, outubro de 1998.

Foram programadas sete etapas de trabalho para a execução do projeto de publicação do "Almanaque do Aluá nº 1". O presente relatório dá conta da realização das cinco primeiras e do início da sexta etapa, que diz respeito ao processo de distribuição do material já impresso.

Para efeito de relato das atividades, preferimos obedecer o percurso cronológico dessas etapas, o que permite acompanhar o encadeamento das atividades. Não ocorreram grandes modificações na seqüência prevista mas muitas ações se deram de forma diferenciada do que havíamos imaginado por ocasião da feitura do projeto.

Por exemplo, originalmente havíamos estimado que o início da execução dos trabalhos se daria em agosto/97, na expectativa de que, em março/98, os educadores já pudessem dispor do material. No entanto, a lentidão na negociação do projeto fez com que, somente a partir do mês de novembro, contássemos com os recursos necessários ao andamento das atividades. Como, no Brasil, as férias maiores incidem sobre os meses de dezembro a fevereiro, as tarefas posteriores à etapa de concepção da publicação, foram muito prejudicadas pelas dificuldades de contato com os colaboradores de matérias e com a rede de parceiros. Isso acarretou o retardamento na execução das etapas seguintes.

Outro aspecto, esse muito positivo, foi o grau de envolvimento do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, do Ministério da Cultura. Em convênio estabelecido entre o SAPÉ e o CNFCP não se previu a troca de recursos financeiros, mas um apoio sob a forma de prestação de serviços técnicos, sobretudo de programação visual, copy-desk e revisão, contra um percentual (10%) da edição, a ser distribuído na rede de educadores vinculados a projetos do Museu de Folclore e Cultura Popular. Essa parceria foi extremamente vantajosa para ambos.

Verificou-se também, ao longo do processo de trabalho, que a quantidade de pessoas envolvidas na confecção do Almanaque e a diversificação de sua qualificação técnica ultrapassou o estritamente previsto no orçamento do projeto. No tratamento dessa questão preferimos trabalhar com maior flexibilidade para atender às necessidades que se impunham. Como decorrência, isso implicou numa redistribuição dos recursos destinados a gastos com pessoal; sem, no entanto, alterar a rubrica e o montante aprovado em função dessas despesas. O Relatório Financeiro que acompanha este Relatório Parcial das Atividades detalhará esta questão.

Finalmente, a qualidade do material resultante dessa experiência (em anexo, dez exemplares do Almanaque do Aluá nº 1) superou as nossas expectativas e já começamos a receber ecos de sua repercussão. Com a execução das últimas tarefas - finalização da distribuição e processamento dos dados do registro de avaliação -, esperamos ver confirmadas as nossas impressões.

a. o seminário inaugural

Uma casa de sítio, no meio rural, abrigou o encontro de dois dias que reuniu os técnicos responsáveis pela execução do projeto, e marcou o início dos trabalhos de concepção do **Almanaque do Aluá nº 1**.

O eixo temático, o tempo e o ritmo internos do almanaque, e a definição de sua estrutura editorial constituíram os conteúdos dos debates desses dois dias. Toda a análise foi feita, em cada um de seus aspectos, levando sempre em conta a relação que estabelecia com o público privilegiado do almanaque: os educadores. Esse arcabouço deveria fornecer, por assim dizer, a agulha e a linha de costura da produção escrita e das imagens através das quais a publicação expressaria as preocupações que estavam no seu ponto de partida.

Considerando a conjuntura atual, a escolha do eixo temático recaiu sobre “**o trabalho em tempos de globalização**”. As grandes mudanças que se processaram em plano mundial, sobretudo na última década, e que deram lugar a profundas alterações na estrutura dos processos produtivos, acarretaram também o desemprego e demonstraram a urgência em investigar os novos significados do trabalho humano para os tempos atuais.

Se a questão era de amplitude mundial, a publicação deveria abrir espaço à manifestação de outros pontos de vista, outros olhares, que não só os resultantes de uma observação nacional. Assim, a rede de parceiros a ser contatada ia além das nossas fronteiras, dando margem a que o acontecimento pudesse ser flagrado na versatilidade de suas manifestações.

Dois tempos internos, imbricados, marcariam o almanaque: o ano de 1998, a nesga do tempo onde nos situamos; e o tempo histórico, no qual se desenvolveu e se enraizou uma determinada concepção e prática das relações de trabalho, atualmente em processo de desestruturação.

Mesmo evocando algumas marcas de identidade com a linha editorial do Almanaque do Aluá nº 0 (exs: formato gráfico, tipos de papel, a permanência de algumas ilustrações, etc.), a edição do Almanaque do Aluá nº 1 deveria se prender à sua proposta específica. Portanto, à medida em que a pesquisa e a disponibilidade das matérias pudessem dar maior visibilidade aos conteúdos programados poder-se-ia chegar a uma definição mais precisa da montagem editorial da publicação.

b. o mapeamento do tempo interno

As atividades em torno da concepção do Almanaque do Aluá nº 1 se estenderam até o final do mês de dezembro/97. O processo de trabalho implicou ainda em sucessivas reuniões de estudo (incluindo sessões de vídeo), debates, pesquisa bibliográfica que deveriam respaldar a confecção de mapa do tempo interno do almanaque.

Esse mapeamento cumpria duas funções de importância fundamental nas etapas que se seguiriam: uma, a de captar o imaginário social em torno dos conteúdos abordados, atribuindo ao nível do simbólico o peso cultural e político que encerram; outra, a de servir como roteiro para a pesquisa da iconografia e das matérias que o mapeamento deveria deixar indicadas. O jogo de articulações e associações que o mapa, uma vez pronto, deixa transparecer é, às vezes, de difícil compreensão pelos que não estão

diretamente vinculados à construção da publicação (vide anexo 1) mas, enquanto instrumental de trabalho, é indispensável para dar visibilidade ao conjunto do empreendimento e memorizar o percurso das idéias que lhe serviram de embasamento.

Finalizando essa etapa tivemos uma reunião do Conselho Editorial ao qual foi submetida a proposta.

II. PESQUISA DE CONTEÚDOS E ILUSTRAÇÕES

De um lado, dada a escolha do eixo temático - Trabalho em tempos de Globalização - a rede de parceiros/colaboradores foi bastante ampliada, incluindo a solicitação a várias pessoas da América Latina, África e Europa. A escolha dessas pessoas se fez em função dos assuntos específicos indicados pela pauta temática do Almanaque e, ainda que a iniciativa de localização e contato com esses parceiros tenha tomado mais tempo de que o previsto, os resultados foram compensadores.

Em termos nacionais, a tarefa foi um pouco prejudicada, como já foi dito, pela coincidência com época de férias (dezembro a fevereiro) que dificultou o acesso às pessoas de quem precisávamos solicitar uma contribuição.

Nesse período, janeiro/fevereiro, tivemos a grata satisfação de receber a visita de consultoria da Profa. Margriet Poppema, do INDRA, com quem cumprimos uma agenda de reuniões em sede, e de contatos com grupos de usuários do Almanaque e com organismos oficiais de educação e cultura dos Estados do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Avaliamos a estadia da Profa. Margriet Poppema como um ótimo momento de reflexão, crítica e incentivo aos trabalhos em andamento, e também como um espaço de intercâmbio muito produtivo.

A pesquisa de fontes, tanto iconográfica quanto bibliográfica, começou a ser agilizada a partir do mês de março. E, dada a complexidade do tema e a diversidade de subtemas que afloraram nesse terreno, a pesquisa se tornou necessariamente extensa. Toda essa produção foi acompanhada de um exaustivo trabalho de seleção e classificação do material selecionado e registro informatizado.

Esse conjunto de tarefas se estendeu até o mês de maio, acrescido da continuidade da correspondência com o colaboradores, recepção dos materiais enviados, seleção e adaptação de textos. Algumas vezes, a equipe teve enfrentar a tradução de textos cujos originais nos chegaram em outros idiomas, sobretudo em espanhol e francês.

III. PREPARAÇÃO DE TEXTOS FORMATIVOS

A elaboração de textos formativos bem como a seleção de outros textos de conteúdos significativos para a formação dos educadores foi assumida diretamente pela equipe encarregada do Almanaque. Não é sem razão que as páginas centrais da publicação foram reservadas a um texto específico sobre educação, da autoria do Prof. Alfredo Bosi (*As pessoas e as coisas*).

De modo mais concentrado, a equipe se deteve nessa produção em que a atenção

pedagógica se fazia mais presente; e a isso se dedicou durante cerca de um mês e meio: parte do mês de maio e todo mês de junho.

No que se relacionou com o tema central da resignificação do trabalho nos tempos atuais, ao invés de pretender veicular explicações que ainda não estavam suficientemente maduras, preferiu-se dar destaque a uma reflexão, com enfoque teórico, no texto de autoria de Xico Lara (*O Polegar Opositor*); e, ao longo da publicação, apresentar a fala de diversos trabalhadores, obtida sobretudo através de entrevistas e histórias de vida. Uma outra escolha foi a de pontilhar toda a publicação de manifestações do trabalho humano e do modo como ele é apreendido, vivenciado. Assim vamos encontrar matérias sobre o trabalho do ponto de vista dos moradores da rua, do ponto de vista dos trabalhadores da música, do ponto de vista do médico no interior do país, da pintora idosa, da organização de trabalhadores nos bairros, etc.

A globalização marca o âmbito do almanaque e o seu clima. Na seqüência das matérias, o seu tratamento começa logo depois da seção destinada ao Calendário e só se encerra com a alegria do Circo, escolhida como um estilo de confraternização internacional celebrada através do trabalho de seus muitos artistas. Na intenção de explorar o tema em suas diversas facetas, ao longo da publicação são fornecidas inúmeras informações de ordem econômica, histórica, política e cultural, como elementos a serem integrados pelo esforço de autoformação dos educadores.

Uma gama de outros conteúdos formativos, em torno da saúde, da educação, das descobertas científicas, das culturas, da história, das artes e das religiões, foi bordando a publicação. E para deleite, o humor, a poesia, as jóias da sabedoria dos povos, as receitas e as adivinhações.

IV. A EDIÇÃO

De toda confecção do Almanaque essa foi talvez a etapa mais rica. Todas as outras lhe foram convergentes. Ocorreu um jogo de afinamento, permanente e atento, entre interesses e preocupações muito diferenciadas: a ordem do pedagógico (o material enquanto peça formativa e de incentivo à leitura, eticamente válido); a ordem do estético (a beleza, a harmonia, a leveza), a ordem do técnico/artístico, do comunicativo (a programação visual, a qualidade das imagens, o ajuste de cada página ou de cada par de páginas). Instalou-se uma verdadeira oficina, apoiada nos recursos da informática, onde os diversos olhares se ajustavam através de sucessivos ensaios até se chegar a um resultado satisfatório para todos.

A exaustiva e detalhada tarefa de copidescagem acompanhou o processo de montagem da edição. Muitas vezes reajustando textos, e conseguindo, sem deformá-lo, a medida justa na composição do conjunto.

Como baliza do ritmo interno da publicação, outros compassos de tempo foram marcados pelas ênfases nos temas e pelos acontecimentos nacionais previstos para o ano de 1998. Assim organizamos a espinha dorsal editorial: o Anúncio do Almanaque, o Calendário e o Horóscopo, Início das Informações sobre a Globalização, Início das Informações sobre o Trabalho, Valorização da Educação, a Copa do Mundo, as Eleições, a Festa Final, o Encerramento.

Feita a montagem experimental, ela foi enviada a cada um dos componentes do Conselho Editorial, mesmo para os residentes fora do país (Senegal, Uruguai e Holanda) acompanhada da convocação de uma reunião. Com alterações mínimas e algumas dúvidas esclarecidas, por ocasião da reunião do Conselho Editorial, a proposta de publicação foi aprovada com elogios.

Para o cumprimento dessa etapa foram utilizados quase três longos meses de trabalho: já iniciada em junho, e se estende por todo o mês de julho e o de agosto.

Setembro foi dedicado às atividades finalizantes da edição: definição e confecção da capa e contracapa, composição das "orelhas", organização das fontes, e revisão final. A capa e contracapa foram trabalhos concebidos e doados por Claudius Ceccon - do CECIP (Centro de Comunicação Social e Imagem Popular) - que, para o Almanaque do Aluá nº 0, havia assumido gratuitamente a programação visual, a ilustração e a concepção da capa e contracapa.

V. A PUBLICAÇÃO

Os trabalhos de arte-final estiveram a cargo da programadora visual, também presente nas negociações com as gráficas selecionadas para os serviços de fotolitagem e de impressão do material.

Nesse processo, algumas características básicas da publicação foram confirmadas, como: formato (20,5cms x 22,0cms fechado e 44,0cms x 20,5cms aberto); capa (20,5cms x 63cms aberta), número de páginas (96 páginas e mais 4 de capa). E projetadas outras tantas: 4 cadernos de 12 páginas com duas cores e 4 cadernos de 12 páginas com uma cor; capa com quatro cores; papel do miolo (Pólen Rustic Areia 85gr) e papel de capa (Couché Liso 180gr); e acabamentos.

Para a confecção dos fotolitos, os disquetes com as matérias e as imagens foram encaminhados a uma empresa especializada e, depois de revisados, foram entregues à gráfica responsável pela impressão. O tratamento do fotolito da capa foi diferente: a empresa recebeu a montagem da arte-final em papel, digitalizou e, a partir daí, confeccionou o fotolito.

No acabamento, alguns detalhes que pareceram não comprometer a apresentação da publicação sofreram modificações: por uma dificuldade na compatibilização dos programas dos computadores, não foi possível garantir o dorso previsto na encadernação. Os cadernos foram, então, montados em grampo; e o papel utilizado para o miolo não foi exatamente o previsto, acarretando, por ser ligeiramente mais denso, uma dificuldade no corte.

Uma vez na posse de todos os componentes, a Gráfica levou cerca de 10 dias para a entrega do primeiro lote de 400 exemplares. A tiragem total foi de 5.000 exemplares, como prevista.

Por decorrência de uma crise de mercado, o custo dos serviços tanto de fotolitos como de impressão foram bem mais baixos do que a sondagem de preços feita por ocasião da elaboração do projeto. Isso foi de uma enorme vantagem mas a equipe não se sentiu autorizada a modificar os termos do projeto com a possível ampliação da tiragem. Isso fará parte da consulta e negociação a serem feitas com o INDRA e a União Européia por ocasião do encerramento do projeto.

VI. O INÍCIO DA DISTRIBUIÇÃO

A distribuição foi organizada segundo alguns critérios de prioridade que levaram em conta as relações de parceria, o público privilegiado (educadores populares e do ensino de jovens e adultos), e a criação das condições para a avaliação do produto.

Largamente merecida, foi feita, em primeira mão, a entrega de 500 exemplares ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (FUNARTE/Ministério da Cultura), para de lá serem distribuídos com a rede de educadores vinculados aos projetos do CNFCP.

A atenção seguinte foi dada aos parceiros, cúmplices e colaboradores, da aventura do Almanaque do Aluá nº 1. Perto de duas centenas de exemplares foram entregues diretamente ou postados para os endereços nacionais e internacionais constantes de nossas listas. Significaram os agradecimentos da equipe pelas mais diferentes formas de apoio recebidas no percurso da construção do Almanaque.

A seguir, a publicação foi enviada a todo Conselho Editorial e ao corpo de sócios do SAPÉ.

Toda essa expedição se deu mesmo antes do lançamento, por assim dizer, oficial, do Almanaque do Aluá nº 1. O lançamento do Almanaque teve lugar no dia 20 de outubro, nas dependências do Museu de Folclore Edison Carneiro (convite e fotos, em anexo), como parte das homenagens que durante o mês são prestadas pela passagem do centenário de nascimento do prof. Câmara Cascudo, um dos maiores estudiosos do folclore nacional. O evento foi muito concorrido, sobretudo por educadores e, na ocasião, foi distribuída quase uma centena de exemplares entre o público presente. O momento foi prestigiado pela apresentação de um grupo de contadores de histórias que ilustrou a sua produção com vários textos do Almanaque; e, como elemento simbólico, o SAPÉ ofereceu um aluá de abacaxi (bebida que se obtém com base na fermentação da casca da fruta) aos convidados.

A partir daí se deu início à distribuição direta às redes de educadores de várias partes do país. Além da expedição que está sendo feita através dos serviços postais, a equipe tem aproveitado os eventos para os quais tem sido convidada, muitas vezes, em decorrência das repercussões do próprio Almanaque. Por exemplo, agora em outubro, fomos convidados a fazer a apresentação do Almanaque, acompanhada de distribuição, no Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro, que é coordenado pela DEMEC/RJ (Delegacia do Ministério da Educação no Rio de Janeiro); ainda, no final de outubro, participamos do Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (Segmento da V CONFINTEA), em Curitiba/PR, e aproveitamos a oportunidade para distribuir o Almanaque entre as várias representações de educadores do país que ali se encontravam presentes; o Centro Cultural José Bonifácio Rio de Janeiro, por sua vez, incluiu no programa do seu evento "Kilunge - Feira do Livro Afro-Brasileiro", a se realizar na primeira semana de novembro (convite, em anexo). Um outro lançamento está previsto, por ocasião do Seminário Comemorativo do 2º Ano do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Rio de Janeiro, a ter lugar na UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na primeira quinzena de novembro. Temos notícias, ainda, de que o Coletivo de Educadores de Pernambuco se propõe a organizar um lançamento específico em Recife.

Todas essas ocasiões, onde o nosso público privilegiado é o ator principal, são momentos em que o Almanaque pode ser difundido de modo controlado.

VII. A PREVISÃO DAS ÚLTIMAS TAREFAS

Para o término da execução do projeto, além da finalização da distribuição, restam ainda duas tarefas a cumprir - o processamento da avaliação e a confecção do Relatório Final -, para as quais não se dispõe de recursos vinculados à realização das mesmas.

O limite de teto de orçamento dado pela União Europeia para o tipo de projeto - de US\$ 60.000 - nos levou a privilegiar, no orçamento, as despesas operacionais em detrimento das despesas com pessoal. Alimentávamos a esperança de captar, em plano nacional, os necessários recursos complementares; e tentamos isso em várias instâncias, oficiais e privadas, sem o esperado resultado. Sabíamos que um projeto com a duração de um ano, não teria condições de cumprir todos os seus passos sem o respaldo de uma equipe técnica.

A projeção para os recursos humanos, no orçamento, se limitou a 6 meses. Malgrado todos os nossos esforços de equilíbrio de gastos, os recursos para despesas com pessoal se esgotaram no mês de outubro.

Estimamos, ainda, um prazo de dois meses de trabalho para encerrar todo ciclo do projeto. O retardamento na execução do cronograma, com toda tranqüilidade, não se deveu a nenhum descuido da equipe, mas às diversas ocorrências mencionadas no início deste Relatório.

A finalização da distribuição é absolutamente substancial, senão o projeto não teria sentido. O Almanaque foi construído para atender a uma demanda muito concreta no campo da educação e, até agora, temos todos os indícios de que ele está respondendo a contento a essa demanda identificada. No entanto, torna-se indispensável a utilização de instrumentos de avaliação que confirmem a correção desses indícios.

Para tanto, a distribuição do Almanaque é feita de modo muito controlado. Além do controle por um mapa de expedição, um percentual dos exemplares distribuídos é acompanhado por um roteiro de avaliação (em anexo) que nos fornecerá, como retorno, dados sobre as formas de utilização do Almanaque, bem como críticas sobre os seus conteúdos e sua apresentação gráfica. Dois segmentos de leitores são objeto de nossa demanda de avaliação: especialistas da área da educação e da produção de material didático e paradidático; e os educadores diretamente envolvidos com a prática pedagógica.

Para o tratamento desses dados, porém, precisamos contar com o apoio de pessoal técnico capaz de processar e interpretar a informação disponível. A partir daí é que será possível afirmar com segurança que o Almanaque do Aluá é um projeto que tem sustentabilidade.

Outra tarefa que se segue à avaliação é a confecção do Relatório Final, que deve reconstruir todo itinerário do projeto, e passa a ser, também, um instrumento de trabalho básico na produção do próximo Almanaque do Aluá nº 2. Por não considerarmos o Relatório Final do processo de trabalho uma peça administrativa, gostaríamos de poder dedicar-lhe a atenção que merece a sua confecção.